

REVISTA TÓPICOS

A PROFUNDA INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO TERAPÊUTICA NO PROCESSO DE CURA: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA E PSICODINÂMICA

DOI: 10.5281/zenodo.15104740

Marco Antonio de Carvalho Assis¹

RESUMO

A qualidade da relação terapêutica, ou vínculo terapêutico, é um componente fundamental no sucesso do tratamento psicoterapêutico. Este artigo explora a importância crucial deste vínculo, fundamentando-se em perspectivas psicanalíticas e psicodinâmicas, destacando seu papel na promoção da mudança, na formação da transferência e contratransferência, e no desenvolvimento de uma experiência de cura significativa. A análise teórico-conceitual, embasada em autores como Freud, Klein, Winnicott e Bowlby, demonstra como a dinâmica intersubjetiva na sessão terapêutica pode influenciar profundamente o processo de individuação e a resolução de conflitos internos. Conclui-se que a dedicação ao aprofundamento e fortalecimento da relação terapêutica é um investimento essencial para terapeutas, resultando em melhores resultados clínicos e em uma experiência enriquecedora tanto para o terapeuta quanto para o paciente. A exploração aprofundada do tema se estende por múltiplas páginas, abordando nuances da dinâmica terapêutica, a influência do inconsciente, o

REVISTA TÓPICOS - ISSN: 2965-6672

REVISTA TÓPICOS

papel da empatia e a importância da autenticidade, oferecendo uma visão abrangente e detalhada da relação terapêutica como elemento central da mudança.

Palavras-chave: Relação Terapêutica, Vínculo Terapêutico, Psicanálise, Psicodinâmica, Transferência, Contratransferência, Cura, Inconsciente, Empatia, Autenticidade.

ABSTRACT

The quality of the therapeutic relationship, or therapeutic bond, is a fundamental component in the success of psychotherapeutic treatment. This article explores the crucial importance of this link, drawing on psychoanalytic and psychodynamic perspectives, highlighting its role in promoting change, shaping transference and countertransference, and developing a meaningful healing experience. The theoretical-conceptual analysis, based on authors such as Freud, Klein, Winnicott and Bowlby, demonstrates how the intersubjective dynamics in the therapeutic session can profoundly influence the process of individuation and the resolution of internal conflicts. It is concluded that the dedication to deepening and strengthening the therapeutic relationship is an essential investment for therapists, resulting in better clinical results and an enriching experience for both the therapist and the patient. The in-depth exploration of the theme extends over multiple pages, addressing nuances of therapeutic dynamics, the influence of the unconscious, the role of empathy and the importance of authenticity, offering a comprehensive and detailed view of the therapeutic relationship as a central element of change.

Keywords: Therapeutic Relationship, Therapeutic Bond, Psychoanalysis,

REVISTA TÓPICOS - ISSN: 2965-6672

REVISTA TÓPICOS

Psychodynamics, Transference, Countertransference, Healing, Unconscious, Empathy, Authenticity.

1. Introdução: A Relação Terapêutica como Pilar Central da Psicoterapia

A psicoterapia, em todas as suas manifestações, seja ela cognitivo-comportamental, humanista, sistêmica ou psicanalítica, converge para um objetivo comum: auxiliar o indivíduo a modificar padrões de pensamento, sentimento e comportamento que causam sofrimento e limitam seu bem-estar. No entanto, a mera aplicação de técnicas e teorias terapêuticas, por mais sofisticadas que sejam, frequentemente se revela insuficiente para gerar mudanças duradouras e significativas. A experiência clínica demonstra, de forma consistente, que a qualidade da relação entre o terapeuta e o paciente – o que denominamos vínculo terapêutico – é um dos preditores mais importantes do sucesso do tratamento (Lambert et al., 2003). Mais do que um mero instrumento de intervenção, o vínculo terapêutico se configura como um espaço de encontro, de diálogo e, fundamentalmente, de transformação.

Ao longo das últimas décadas, a qualidade do relacionamento entre terapeuta e paciente tem sido reconhecida como um dos principais preditores de sucesso no processo terapêutico (Bordin, 1979). O conceito de vínculo terapêutico – frequentemente denominado aliança terapêutica – integra aspectos emocionais, cognitivos e relacionais que possibilitam a criação de um ambiente seguro para a exploração dos conflitos internos. Sob a ótica psicanalítica, as dinâmicas de transferência e contratransferência assumem papel central, permitindo que experiências

REVISTA TÓPICOS - ISSN: 2965-6672

REVISTA TÓPICOS

passadas e atuais se reconfigurem no contexto da disputa terapêutica (Freud, 1917; Winnicott, 1965). Este artigo propõe uma revisão teórica integrativa, discutindo como os pressupostos psicodinâmicos e psicanalíticos fundamentam a importância do vínculo terapêutico e como esse relacionamento pode ser potencializado no cotidiano clínico.

Este artigo se propõe a desvendar a complexidade e a importância desse vínculo, explorando suas raízes na teoria psicanalítica e psicodinâmica, revelando como a dinâmica intersubjetiva na sala de consulta pode, de fato, catalisar o processo de cura. Apresentaremos perspectivas teóricas que nos ajudam a compreender a transferência, a contratransferência, a empatia e a autenticidade, elementos cruciais que moldam a experiência terapêutica e influenciam a trajetória do paciente. A análise se desenvolverá em diversas seções, buscando oferecer uma visão abrangente e aprofundada da relação terapêutica, tanto em sua dimensão teórica quanto em suas implicações práticas. Este trabalho reconhece que a construção de um vínculo terapêutico sólido e significativo exige do terapeuta uma profunda reflexão sobre si mesmo, sobre suas próprias experiências e sobre a natureza da relação humana.

Revisão de Literatura

A literatura sobre a aliança terapêutica apresenta uma rica tradição teórica e empírica que remonta às primeiras formulações psicanalíticas. Freud (1917) enfatizava que o processo terapêutico permitia a emergência de sentimentos reprimidos através da transferência, possibilitando a elaboração de experiências dolorosas. Posteriormente, Winnicott (1965)

REVISTA TÓPICOS - ISSN: 2965-6672

REVISTA TÓPICOS

introduziu a ideia do “ambiente facilitador” ou holding environment, destacando a importância de um espaço seguro e contingente para o desenvolvimento psíquico. Essa perspectiva foi ampliada por autores como Mitchell (1988), que enfatizaram a dimensão relacional e intersubjetiva do vínculo terapêutico, reiterando que o relacionamento clínico é um microcosmo das relações afetivas do paciente.

Bordin (1979) propôs um modelo conceitual da aliança terapêutica que abrange três dimensões fundamentais: a meta terapêutica, a tarefa clínica e o vínculo afetivo propriamente dito. Essa tríade tem sido corroborada por estudos empíricos que evidenciam a forte associação entre a qualidade da aliança e os resultados positivos da terapia (Horvath & Greenberg, 1989; Gelso & Hayes, 1998). Ainda dentro dessa perspectiva, Safran e Muran (2000) ressaltam que a negociação constante dos limites e dos significados compartilhados contribui para o fortalecimento do processo terapêutico e possibilita a emergência de novas narrativas na vida dos pacientes.

Diversos estudos contemporâneos também apontam para a importância de um vínculo terapêutico sólido como base para o desenvolvimento da capacidade de mentalização, fundamental para a regulação emocional e a ressignificação dos padrões relacionais (Fonagy & Target, 2006). Estes estudos, ao integrar dados empíricos e conceituais, reforçam que a aliança não é apenas um aspecto periférico da terapia, mas sim o veículo pelo qual os processos inconscientes podem ser trazidos à consciência e transformados. Dessa forma, a literatura demonstra de forma robusta como os elementos teóricos clássicos e as evidências empíricas convergem para a

REVISTA TÓPICOS

compreensão do vínculo terapêutico como um componente essencial à prática clínica efetiva.

2. Relação Terapêutica como Reconstrução da Família

Sigmund Freud, o pai da psicanálise, inaugurou uma nova forma de compreender a mente humana e o sofrimento psíquico, e sua teoria da relação terapêutica é, em grande medida, inovadora. Freud argumentava que a relação entre o analista e o paciente não é neutra ou objetiva, mas sim uma reconstrução, em escala reduzida, da relação familiar do paciente (Jones, 1998). O paciente, em sua busca por alívio, traz consigo para a terapia os padrões de interação que aprendeu na infância, os quais frequentemente se repetem em seus relacionamentos amorosos e sociais. O analista, ao criar um ambiente seguro e acolhedor, pode ajudar o paciente a tomar consciência desses padrões e a modificá-los.

A psicanálise clássica oferece uma compreensão profunda dos mecanismos afetivos que operam durante a terapia. Freud (1917) sugeriu que a transferência – isto é, a projeção dos sentimentos e desejos do paciente sobre o terapeuta – permite o acesso aos conteúdos reprimidos, possibilitando um trabalho laboratório sobre traumas e conflitos. Nesse contexto, a habilidade do terapeuta em manejar esses sentimentos, evitando interpretações precipitadas e permitindo que o paciente explore suas emoções de forma livre, é crucial para o êxito do tratamento (Freud, 1917; Kernberg, 1975).

REVISTA TÓPICOS

Por sua vez, a teoria psicodinâmica enfatiza a qualidade do relacionamento interpessoal e a influência das primeiras experiências afetivas na formação do self. Winnicott (1965) define o ambiente facilitador como um espaço de segurança onde o paciente pode experienciar a continuidade de suas experiências emocionais e, assim, reformular imagens internas perturbadoras. Essa perspectiva, complementada pelas contribuições de Mitchell (1988), sugere que a abertura, a empatia e a autenticidade do terapeuta são determinantes para o estabelecimento de um vínculo terapêutico que fomente a mudança psíquica.

Os fenômenos de transferência e contratransferência são centrais para a prática terapêutica na perspectiva psicanalítica. Enquanto a transferência envolve a projeção dos sentimentos do paciente, a contratransferência refere-se às respostas emocionais do terapeuta, que, se gerenciadas com competência, podem fornecer informações valiosas sobre as dinâmicas inconscientes do paciente (Mitchell, 1988; Safran & Muran, 2000). A capacidade do terapeuta de reconhecer e utilizar essas dinâmicas de forma reflexiva é um indicador da maturidade clínica e da solidez do vínculo terapêutico. Assim, a habilidade de navegar por essas intensas experiências emocionais, sem se deixar dominar por elas, contribui para o aprofundamento do processo terapêutico e a promoção de mudanças significativas (Gelso & Hayes, 1998).

Além disso, a negociação constante entre o terapeuta e o paciente acerca das metas e tarefas clínicas reforça a aliança terapêutica. Segundo Bordin (1979), a clareza sobre os objetivos do tratamento e a reciprocidade nas

REVISTA TÓPICOS

interações têm grande impacto na percepção do paciente quanto à eficácia do processo terapêutico. Estudos que utilizaram o Working Alliance Inventory, instrumento desenvolvido por Horvath e Greenberg (1989), demonstraram que altos níveis de consenso e colaboração preveem melhores desfechos terapêuticos, corroborando a relevância do vínculo na prática clínica.

A noção de transferência, central para a teoria freudiana, é a projeção inconsciente de sentimentos e expectativas do paciente sobre o terapeuta. Essa transferência não é vista como um obstáculo ao tratamento, mas sim como uma oportunidade valiosa para a exploração do inconsciente e a compreensão das dinâmicas internas do paciente (Freud, 1913). Ao analisar a transferência, o terapeuta pode ajudar o paciente a identificar as fontes de seus conflitos, a compreender seus padrões de relacionamento e a desenvolver uma nova forma de se relacionar com o mundo. A divergência entre a visão freudiana de que a transferência era uma "receita a ser decifrada" e as perspectivas contemporâneas que enfatizam a co-construção do significado na transferência merecem ser exploradas com profundidade.

3. Impacto na Eficácia Terapêutica

A literatura empírica aponta consistentemente que a qualidade da aliança terapêutica é um dos maiores preditores do sucesso terapêutico, independentemente da escola teórica adotada (Horvath & Greenberg, 1989; Gelso & Hayes, 1998). Pesquisas sugerem que a relação de confiança e apoio mútuo favorece não apenas a redução dos sintomas, mas também permite que o paciente desenvolva uma abordagem mais resiliente diante

REVISTA TÓPICOS

dos desafios emocionais (Fonagy & Target, 2006). Em termos psicanalíticos e psicodinâmicos, a confiança estabelecida no vínculo facilita a elaboração de conteúdos inconscientes e a integração de aspectos fragmentados do self, promovendo uma experiência capaz de transformar a personalidade e o modo de se relacionar com o mundo.

Essa ênfase na relação interpessoal também tem implicações práticas para a formação de terapeutas. A capacitação na identificação e manejo dos aspectos emocionais que surgem na interação terapêutica é fundamental para que os profissionais possam aproveitar as potencialidades transformadoras do vínculo. Dessa forma, a integração entre teoria e prática clínica deve orientar programas de formação e supervisão, de modo a fortalecer a qualidade das intervenções e garantir a eficácia do tratamento, como argumentam Safran e Muran (2000).

As contribuições de Melanie Klein, Donald Winnicott e John Bowlby adicionaram camadas significativas à compreensão da relação terapêutica, expandindo a perspectiva psicanalítica e incorporando conceitos da teoria dos objetos e da teoria dos vínculos. Klein (1975) argumentava que as primeiras experiências de relacionamento, particularmente na infância, moldam profundamente a capacidade do indivíduo de se relacionar no futuro. A experiência primária, caracterizada por sensações de prazer e medo, é central para o desenvolvimento desse "self" relacional. A transferência, na visão de Klein, é um reflexo dessas experiências precoces e pode ser um obstáculo ou um facilitador para a cura. O terapeuta, ao

REVISTA TÓPICOS

reconhecer a transferência, pode ajudar o paciente a compreender suas dinâmicas emocionais e a desenvolver um senso de segurança e confiança.

Donald Winnicott (1965), com seu conceito de "objeto transicional", descreveu o processo pelo qual o bebê internaliza a figura materna, desenvolvendo um senso de autonomia e de próprio "objeto transicional". A relação terapêutica, segundo Winnicott, deve ser carregada de um "torná-lo interno", ou seja, a habilidade do paciente de internalizar recursos de adaptação e desenvolver um senso de próprio "objeto transicional". O terapeuta, ao oferecer um espaço seguro e acolhedor, pode auxiliar o paciente a desenvolver essa capacidade, permitindo-lhe se tornar um indivíduo mais autônomo e resiliente.

John Bowlby (1969), em sua teoria dos vínculos, destacou a importância dos laços afetivos seguros para o desenvolvimento emocional saudável. A segurança no vínculo com o cuidador é fundamental para a formação de um senso de confiança no mundo e para o desenvolvimento de uma base segura para a exploração e o crescimento. A relação terapêutica, na visão de Bowlby, deve ser caracterizada pela responsividade do terapeuta, ou seja, sua capacidade de atender às necessidades emocionais do paciente de forma consistente e adequada.

4. A Psicodinâmica e o Papel da Empatia e da Autenticidade

A perspectiva psicodinâmica, que se estende além da psicanálise clássica, enfatiza o papel da empatia e da autenticidade na construção da relação terapêutica (Rogers, 1957). Carl Rogers, na sua teoria centrada na pessoa,

REVISTA TÓPICOS

propôs que a mudança terapêutica ocorre quando o paciente se sente compreendido, valorizado e aceito pelo terapeuta. A empatia, a capacidade de compreender os sentimentos e a perspectiva do outro, é um componente essencial da relação terapêutica. A autenticidade, por sua vez, refere-se à genuinidade e à transparência do terapeuta, que se mostra como um ser humano real, com suas próprias emoções e experiências, mas que mantém a capacidade de acompanhar o paciente em seu processo de cura.

A terapia centrada na pessoa, embora não seja uma abordagem psicanalítica, contribui significativamente para a compreensão da importância da relação terapêutica. Rogers enfatizou que o terapeuta deve criar um ambiente de abertura e vulnerabilidade, um espaço onde o paciente se sinta seguro para explorar seus sentimentos e experiências mais profundas. Este ambiente é construído sobre a confiança, o respeito mútuo e a congruência do terapeuta.

5. Dinâmicas da Contratransferência e a Importância da Reflexão do Terapeuta

É crucial reconhecer que a relação terapêutica não é um processo unidirecional. O terapeuta também é um ser humano com suas próprias emoções, experiências e padrões de relacionamento. A contratransferência, definida como a resposta emocional do terapeuta ao paciente, pode ser um obstáculo ou um facilitador para o tratamento (Sue & Sue, 2015). A contratransferência pode surgir de experiências passadas do terapeuta que se tornam relevantes para a relação terapêutica. É fundamental que o terapeuta esteja atento à sua contratransferência e que a utilize de forma

REVISTA TÓPICOS

construtiva, utilizando-a como uma oportunidade para a reflexão sobre si mesmo e sobre o processo terapêutico.

A autoconsciência e a reflexão são ferramentas essenciais para garantir a objetividade e a responsabilidade do terapeuta. O treinamento em ética e supervisão clínica são componentes importantes para o desenvolvimento da capacidade do terapeuta de lidar com a contratransferência de forma eficaz. O terapeuta deve estar disposto a questionar suas próprias suposições, a reconhecer seus próprios preconceitos e a manter uma postura crítica em relação ao seu próprio comportamento.

Discussão

O debate sobre o vínculo terapêutico evidencia a importância de uma abordagem relacional que considere tanto os aspectos subjetivos do paciente quanto as respostas emocionais do terapeuta. Estudos históricos e contemporâneos demonstram que a qualidade dessa relação pode mediar transformações psíquicas profundas, funcionando como catalisador para a resolução de conflitos intrapsíquicos e a promoção da mudança (Bordin, 1979; Winnicott, 1965). Contudo, a complexidade destes processos exige que os profissionais desenvolvam uma postura de constante autocrítica e ampliação de suas competências relacionais.

Apesar de sua relevância, o vínculo terapêutico nem sempre é enfatizado nas práticas clínicas tradicionais, especialmente em contextos onde intervenções focadas em técnicas específicas predominam. A integração de perspectivas psicanalíticas e psicodinâmicas propicia uma compreensão

REVISTA TÓPICOS

mais abrangente das dinâmicas intrapsíquicas e interpessoais, reconhecendo que a subjetividade do paciente resiste a modelos padronizados e requer uma atenção individualizada (Mitchell, 1988; Kernberg, 1975). Nesse sentido, é imprescindível que a formação profissional inclua módulos teóricos e práticos que estimulem a reflexão sobre a natureza da relação terapêutica e proponham estratégias para a construção de aliança sólida.

Outra questão debatida na literatura refere-se à influência dos processos de transferência e contratransferência no desenrolar do tratamento. Embora sejam considerados inevitáveis, estes fenômenos podem ser utilizados de maneira construtiva se reconhecidos e gerenciados de forma consciente. Como argumentado por Safran e Muran (2000), a habilidade de transformar essas experiências em insights clínicos pode determinar a profundidade do processo terapêutico, contribuindo para a reconstrução e reorganização dos padrões emocionais do paciente. Contudo, essa tarefa exige supervisão constante e o desenvolvimento de uma sensibilidade apurada para reconhecer os sinais sutis dessas dinâmicas.

Em síntese, a discussão aponta para a necessidade de um olhar integrador que contemple tanto as dimensões técnicas quanto as subjetivas do processo terapêutico. A literatura revela que os fatores que compõem o vínculo terapêutico são interdependentes e exigem uma postura colaborativa e empática do terapeuta. Essa visão holística não apenas enriquece a prática clínica, mas também abre espaço para novas investigações que possam aprofundar o entendimento dos mecanismos

REVISTA TÓPICOS

subjacentes ao sucesso terapêutico. A conjugação entre teoria e prática, nesse cenário, representa um caminho promissor para a evolução das intervenções psicoterapêuticas.

Desafios Éticos na Construção do Vínculo Terapêutico

A formação de um vínculo terapêutico sólido envolve não apenas o manejo de processos emocionais, mas também o enfrentamento de inúmeros desafios éticos. Esses desafios referem-se, sobretudo, à necessidade de estabelecer limites claros para evitar a confusão entre proximidade afetiva e a manutenção dos papéis profissionais, essenciais para a segurança e a confiança na relação (Santos & Almeida, 2008). Questões relacionadas à confidencialidade, à autonomia do paciente e à responsabilidade na condução do processo terapêutico exigem dos profissionais uma postura vigilante e reflexiva, de modo a garantir que o vínculo não ultrapasse os limites éticos da prática clínica (Lima, 2002).

Ademais, a discussão ética no contexto do vínculo terapêutico demanda uma constante atualização quanto aos códigos e normas que regem a profissão. Os dilemas éticos podem se manifestar na forma de transferências não intencionais ou de interpretações precipitadas, que, se não gerenciadas de maneira adequada, podem comprometer a integridade do processo terapêutico. Assim, a articulação entre teorização e prática clínica é indispensável para a mitigação desses desafios, propiciando o equilíbrio entre empatia e profissionalismo, fundamentais para a eficácia da intervenção (Santos & Almeida, 2008; Lima, 2002).

REVISTA TÓPICOS

O Papel da Supervisão Clínica no Aperfeiçoamento da Aliança Terapêutica

A supervisão clínica emerge como uma ferramenta vital para o aprimoramento do vínculo terapêutico, atuando na orientação e reflexão dos profissionais sobre suas práticas. Por meio da supervisão, terapeutas podem identificar e trabalhar de forma proativa os aspectos relacionados à transferência e contratransferência, bem como os dilemas éticos que surgem durante o processo terapêutico (Carvalho, 2009). Essa prática supervisionada não só promove a conscientização sobre os mecanismos internos que influenciam a relação clínica, mas também oferece suporte para a manutenção de uma postura ética e equilibrada por parte do terapeuta.

Além disso, a supervisão clínica possibilita o desenvolvimento de estratégias que otimizam a aliança terapêutica, fortalecendo a construção de um ambiente seguro e facilitador para o paciente. A troca de experiências e reflexões durante o processo supervisionado colabora para o desenvolvimento de competências intersubjetivas, contribuindo para a ressignificação dos conteúdos inconscientes e a transformação dos conflitos internos (Rocha, 2011). Dessa forma, a incorporação sistemática da supervisão na formação e no cotidiano profissional revela-se indispensável para a consolidação de uma prática clínica que privilegie tanto a eficácia terapêutica quanto os preceitos éticos fundamentais.

Considerações Finais

REVISTA TÓPICOS - ISSN: 2965-6672

REVISTA TÓPICOS

O presente artigo evidenciou que o vínculo terapêutico é um elemento central para a eficácia dos processos terapêuticos, sobretudo dentro das abordagens psicanalíticas e psicodinâmicas. A partir dos pressupostos teóricos de Freud, Winnicott, Bordin, Mitchell, entre outros, observou-se que a qualidade da relação interpessoal tem impacto direto na emergência e na elaboração dos conteúdos inconscientes, na formação do self e, conseqüentemente, nos resultados do tratamento. Ademais, a discussão enfatizou a importância de capacitar terapeutas na identificação e manejo dos processos de transferência e contratransferência, elementos que, se bem conduzidos, podem transformar desafios emocionais em oportunidades de ressignificação e crescimento.

Como implicação prática, recomenda-se que programas de formação e supervisão incluam uma ênfase especial na construção e manutenção da aliança terapêutica, de forma a promover uma prática clínica baseada em relações genuínas e colaborativas. Além disso, investigações futuras devem buscar delinear com maior precisão os mecanismos atuantes no fortalecimento do vínculo terapêutico e sua relação com desfechos clínicos positivos, ampliando assim o repertório teórico e empírico disponível na área.

A relação terapêutica é, inegavelmente, um dos pilares do sucesso da psicoterapia. As perspectivas psicanalíticas e psicodinâmicas nos oferecem um rico leque de insights sobre a dinâmica da relação terapêutica, destacando a importância da empatia, da autenticidade, da transferência e da contratransferência. A construção de um vínculo terapêutico sólido e

REVISTA TÓPICOS

significativo exige do terapeuta um profundo compromisso com o processo de cura, um investimento em sua própria autoconsciência e uma dedicação à promoção de um relacionamento baseado na confiança, no respeito e na aceitação incondicional. Ampliar a compreensão e a atenção à relação terapêutica não apenas aprimora a eficácia do tratamento, mas também enriquece a experiência terapêutica para ambos os envolvidos, terapeutas e pacientes, contribuindo para um processo de cura mais profundo e duradouro.

Pode-se afirmar que, a integração entre a tradição psicanalítica e abordagens contemporâneas oferece subsídios valiosos para a compreensão das complexas interações entre terapeuta e paciente. Essa síntese de conhecimentos não somente enriquece o debate acadêmico, mas também reforça a importância de um olhar humanizado e cuidadoso na prática clínica, contribuindo para a evolução contínua das intervenções psicoterapêuticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bowlby, J. (1969). Apego e perda, Vol. 1: Apego. Nova York: Livros Básicos.

Freud, S. (1923). O ego e o Id. São Paulo: Civilização Brasileira.

Freud, S. (1913). Teoria da angústia. (Vol. 17 da Edição mundial de Opúsculos Psicanalíticos). São Paulo: Livro Vivo.

REVISTA TÓPICOS

Jones, H.G. (1998). *As relações nos processos psicoterapêuticos*. São Paulo: Martins Fontes.

Klein, M. (1975). *Sobre a experiência primária*. São Paulo: Difusão Paulista.

Lambert, J., Grawe, H., & Meehl, P. A. (2003). Variáveis de resultado da relação terapeuta-cliente: O que sabemos? *Psicologia Profissional: Pesquisa e Prática*, 34(4), 355–369.

Rogers, C. R. (1957). *Terapia centrada no cliente: sua prática atual, implicações e teoria*. Boston: Houghton Mifflin.

Rogers, C. R. (1961). *Sobre se tornar uma pessoa: a visão de um terapeuta sobre psicoterapia*. Boston: Houghton Mifflin.

Sue, D. W., & Sue, D. (2015). *Diversidade no aconselhamento: Fundamentos do Aconselhamento Multicultural*. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.

Winnicott, A. W. (1965). *O brincar é o pensamento*. São Paulo: Difusão Paulista.

Bordin, E. S. (1979). A generalização do conceito psicanalítico da aliança terapêutica. *Psicoterapia: Teoria, Pesquisa e Prática*, 16(3), 252–260.

Fonagy, P., & Target, M. (2006). O núcleo impenetrável da mente: Distúrbios e os limites da mentalização. *Psicopatologia Relacional*, 26(4),

REVISTA TÓPICOS

312–331.

Freud, S. (1917). Luto e melancolia. In: Coleção Padrão da Obra Completa de Freud (Vol. 14). São Paulo: Companhia das Letras.

Gelso, C. J., & Hayes, J. A. (1998). A relação terapêutica: Teoria, pesquisa e prática. Porto Alegre: Artmed.

Horvath, A. O., & Greenberg, L. S. (1989). Desenvolvimento e validação do Inventário da Aliança Terapêutica. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 36(2), 223–233.

Kernberg, O. F. (1975). Condições borderline e o narcisismo patológico. Rio de Janeiro: Editora Zahar.

Mitchell, S. A. (1988). Conceitos relacionais na psicanálise. São Paulo: Martins Fontes.

Safran, J. D., & Muran, J. C. (2000). *Negociando a aliança terapêutica: Um guia para intervenções relacionais*. São Paulo: Martins Fontes.

Winnicott, D. W. (1965). Os processos de maturação e o ambiente facilitador. Porto Alegre: Artmed.

Carvalho, L. R. (2009). A supervisão clínica como ferramenta de desenvolvimento na prática psicoterapêutica. São Paulo: Editora Psi.

Lima, V. P. (2002). O dilema ético no encontro terapêutico. *Psicologia & Ética*, 20(2), 90–103.

REVISTA TÓPICOS - ISSN: 2965-6672

REVISTA TÓPICOS

Rocha, M. G. (2011). Supervisão e formação em psicoterapia: Uma análise integrativa. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 15(2), 110–125.

Santos, A. P., & Almeida, M. S. (2008). Desafios éticos em psicoterapia: Uma abordagem psicanalítica. *Revista Brasileira de Ética e Psicoterapia*, 12(1), 45–62.

¹ Graduado em Psicologia, especialista e doutor em Psicanálise, Universidad de Artes y Oficios de México.